



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**O Brincar & as Brincadeiras na Educação Infantil:
Reflexões sobre ludicidade e mediação do professor¹**

Aparecida da Dores Silva de Lima²

Valéria Casemiro da Silva³

Giselle Nanes⁴

RESUMO

Esse artigo analisa a importância do brincar e das brincadeiras na Educação Infantil. A brincadeira contribui para o processo de socialização das crianças, oferece oportunidade de realizar atividades em coletivo, tendo repercussão no processo de aprendizagem, estimulando o desenvolvimento de habilidades e novos conhecimentos. Este estudo está fundamentado em pesquisas com autores que abordam a importância dos jogos e brincadeiras em sala de aula e a interação entre os sujeitos envolvidos nesse processo. O artigo, embasado em pesquisa bibliográfica, traz considerações sobre ludicidade e o papel do professor, como mediador. Por fim, reflete-se que os jogos e brincadeiras são uma experiência significativa para o desenvolvimento das crianças, pois o brincar é ferramenta que possibilita a construção e a apropriação dos conhecimentos. Os resultados definem o brincar como experiência e liberdade de criação nas quais as crianças expressam suas emoções, sensações e pensamentos sobre o mundo e também um espaço de interação consigo, com o educador e com os outros. É preciso valorizar a *formação lúdica* do docente.

Palavras-chave: Brincar. Ludicidade. Mediação do professor.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar as contribuições do brincar e brincadeiras na Educação Infantil. A finalidade central deste estudo é analisar a importância do brincar na Educação Infantil como um recurso fundamental para a criança no que diz respeito ao seu desenvolvimento e aprendizagem de forma significativa.

Brincar é uma atividade contraditória: pois ao mesmo tempo que é livre, imprevisível e espontânea é regulamentada. É um meio de superação da infância, assim como modo de constituição dessa etapa. Brincando o indivíduo age como se estivesse em outro lugar em outro tempo, embora esteja inteiramente conectado com a realidade. A importância deste

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado, no ano de 2019, como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela UEADTec | UFRPE

² Licenciatura Plena em Pedagogia, UFRPE, Educação à Distância. E-mail: mila-lima1995@hotmail.com

³ Licenciatura Plena em Pedagogia, UFRPE, Educação à Distância. E-mail: valeriasilva88@hotmail.com

⁴ Psicóloga, Doutora em Antropologia. Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia (Unidade Acadêmica de Educação à Distância | UFRPE). Orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso II. E-mail: gisellenanes.2@gmail.com

artigo incide sobre o fato de que a infância é uma fase significativa da vida da criança e deve ser cuidadosamente orientada em todos os sentidos, tanto pela escola quanto pela família. Na infância, as atividades lúdicas estão presentes na vida das crianças. São brincadeiras, brinquedos, jogos e movimentos diferenciados que compõem o universo escolar no qual a criança está inserida.

As crianças não brincam do mesmo modo, algumas são mais tímidas e demoram mais tempo para entrar na brincadeira, enquanto outras costumam a sair dela. Umas preferem jogos calmos; outras gostam de brincadeiras com barulhos, uns preferem brincar sozinhos, outros com vários amigos. As crianças fazem escolha acerca dos objetos, espaços, companheiros, brinquedos. É um meio fundamental de acesso ao seu universo mental, suas escolhas contam muito dos seus desejos, medos, capacidade e potencialidades.

A referente pesquisa bibliográfica aborda a importância do lúdico na aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Primeiro, destaca-se a diferença entre Ludicidade e atividades lúdicas. Em seguida, são apresentadas discussões que tangenciam aspectos relativos à formação do professor e sua ação sobre o brincar infantil.

LUDICIDADE

Hoje, a imagem da infância é enriquecida com concepções pedagógicas que reconhecem o papel de jogos e brincadeiras no desenvolvimento e na construção do conhecimento infantil. Uma vez que apresentamos alguns jogos, não só os objetivos cognitivos almejamos alcançar, acreditamos que as crianças tornem-se capazes de respeitar limites, socializando, desenvolvendo e explorando a criatividade. Através dos jogos e brincadeiras, a criança se apropria das funções sociais e normas de comportamento. Esta é a forma pela qual ela começa a aprender, levantar hipóteses, resolver problemas. O faz de conta também promove a interação, trabalha as angústias e torna-se uma possibilidade de entender a realidade.

Vygostsky (1991) atribue importante papel do ato de brincar na constituição do pensamento infantil. As atividades são centradas no prazer, despertam emoções, sensações de bem-estar, libertam das angústias. Nas vezes que despertam emoções negativas, ajudam as crianças a lidar com este sentimento. É por meio da brincadeira que muitas das necessidades emocionais são satisfeitas.

Moyles (2002) afirma que a qualidade das oportunidades de brincar e de aprendizagem escolar produz efeitos benéficos sobre as aquisições educacionais das crianças em um futuro mais longo. Nesse sentido, cabe ressaltar que a escola como reprodutora do *status quo social* (numa sociedade que sobrevaloriza o tempo produtivo) tem desenvolvido um modelo de educação massificante, no qual as atividades lúdicas têm espaço limitado. As crianças, algumas vezes, são consideradas como miniadultos, seguindo uma rotina escolar cansativa, pouco estimulante. As crianças são, por vezes, privadas de um de seus direitos básicos e de uma de suas fontes de prazer: o brincar. Como, na atualidade, quase não se brinca na *rua*, a escola tem obrigação de preservar esse direito da infância, colocando o brincar como parte de seu projeto pedagógico e favorecendo situações de brincadeiras em sala de aula onde o professor atua como um transmissor cultural ao ensinar brincadeiras e cantos. Existem muitas brincadeiras que o educador pode realizar em sala de aula.

Os brinquedos devem ser disponibilizados como se convidassem as crianças a brincar. Acessíveis e visíveis podem ser distribuídos pela sala, propondo, diferentes brincadeiras. Não pode ter brinquedos em excesso. É preciso tornar o ambiente mais agradável e propício as brincadeiras. Pois os brinquedos não podem estar na sala de aula apenas para enfeitá-la, o brinquedo tem que estar para ser brincado, brinquedo só é brinquedo pela ação do brincar, porque alguém está brincando com ele. Também é importante frisar que a água, plantas, animais, areia, assim como o livre acesso a eles, são uma garantia de uma boa brincadeira. Esses elementos naturais proporcionam desde a brincadeira funcional, exploratória, até jogos elaborados, nos quais as crianças desempenham papéis complexos. O acesso aos diferentes espaços de brincar, deve ser assegurado.

Atualmente a palavra ludicidade vem sendo bastante citada quando o assunto é educação. Atividades lúdicas como: brincadeiras de roda; bolas; faz de conta; contação de histórias; saltar, pular, girar, desenvolvem diversas habilidades motoras, auditivas e sensoriais. Todas essas atividades são consideradas lúdicas dependendo de como serão aplicadas dentro e fora da sala de aula.

As atividades lúdicas podem ser não lúdicas, tudo irá depender de como serão conduzidas. Qualifica-se a realidade de cada um de acordo com as vivências de determinadas experiências no decorrer da vida. A ludicidade se faz presente em todas as fases da vida. Sendo um estado interno, podendo surgir dos mais simples as mais complexas atividades:

Ken Wilber, em seus estudos sobre a consciência, diz que nossas compreensões em torno da vida e do mundo se dão por quatro dimensões: a dimensão subjetiva individual, que só pode ser percebida e expressa pelo próprio sujeito; a dimensão subjetiva coletiva, que determina os modos de ser de uma comunidade ou sociedade, tal como ocorre nos pactos sociais e éticos; a dimensão objetiva individual, que é composta pelos comportamentos individuais que podem ser observados e descritos a partir de um indivíduo, como ocorre nos estudos da psicologia; e, por último, a dimensão objetiva coletiva, cuja fenomenologia pode ser observada, descrita e compreendida pelas ciências humanas. Nesse contexto, a **ludicidade**, como um estado interno do sujeito, só pode ser vivenciada e, por isso mesmo, percebida e relatada pelo sujeito. Ela pertence à primeira dimensão sinalizada por Wilber,⁴ a dimensão subjetiva individual. Então, nesse contexto, a **ludicidade configura-se como um estado interno ao sujeito; contudo, as atividades denominadas como lúdicas pertencem ao domínio externo ao sujeito e, portanto, à dimensão objetiva coletiva**, à quarta dimensão, segundo a classificação de Wilber. Ludicidade e atividades, que são denominadas igualmente como lúdicas são, pois, fenômenos diversos e, dessa forma, necessitam ser compreendidos (LUCKESI, 2014, p. 17).

Nesse sentido, Luckesi (2014) ressalta a importância do entendimento epistemológico do conceito de ludicidade e distingue ludicidade de atividades lúdicas. No entanto, essa distinção não significa separação. Assim, “ludicidade é um estado interno, que pode advir das mais simples às mais complexas atividades e experiências humanas. Não necessariamente a ludicidade provém do entretenimento ou das “brincadeiras”. Pode advir de qualquer atividade que faça os nossos olhos brilharem” (p.17). Ludicidade são ações vividas e sentidas, possibilitando momentos de prazer e de entrega total dos envolvidos.

O que é preciso para ensinar ludicamente

Antes de qualquer ensino, em primeiro lugar, é preciso que o profissional se conheça. Estabeleça metas e sempre busque atualizações na área de conhecimento, desenvolvendo várias habilidades no desempenho das atividades.

O educador é o líder da sua sala, e precisa ser e estar seguro para que haja uma excelente desenvoltura da turma. O profissional precisa ter cuidado ao preparar uma atividade trabalhando o lúdico, pois irá ficar na condição de avaliar e estimular os alunos para determinada atividade, levando em consideração que a atividade trabalhada, tem o objetivo principal que é o conhecimento.

Uma atividade lúdica nunca deve ser passada sem um objetivo específico. O educador precisa associar os jogos e as brincadeiras aos conteúdos trabalhados, assim auxiliará a parte teórica, tornando o ensino ainda mais prazeroso.

Todo esse contexto também está imbricado com as relações interpessoais, onde o estado emocional está diretamente ligado a história de vida de cada um. Luckesi (2014) aponta também para importância do educador cuidar de sua vida emocional e atentar para as interações que está desenvolvendo com os estudantes:

Se não cuidar desse aspecto de sua vida pessoal e profissional, o educador constantemente estará incomodado com e reativo às múltiplas atuações dos educandos; fato que Freud denominou de “transferência” e “contra transferência”; a primeira se dando quando o educando projeta no educador uma circunstância do passado, e, a contra transferência se dando quando o educador reage a essa circunstância, no mesmo nível que a ação do educando, isto é, com uma reação emocional intempestiva e desproporcional ao que ocorre no presente. Nesse contexto, cabe a pergunta: como um educador poderá conduzir uma prática educativa lúdica, se dentro de si não pode ser lúdico em função de sua biografia, assim como não pode manter uma relação saudável com os seus educandos em função de uma relação emocionalmente intempestiva que se dá com base nesse mesmo contexto? Não há como, na educação em geral, o educador atuar sem estar atento às suas próprias reações emocionais e às reações emocionais dos seus estudantes, reações que necessitará de, adultamente administrar (LUCKESI, 2014, p. 21).

Todo ser humano está em processo de constante transformação, construindo e desconstruindo ideias de acordo com o seu meio. É necessário que o educador esteja atento para auxiliar e ajudar seu aluno nesse processo de conhecimento, levando em consideração que ambos vão somar positivamente na vida do outro.

A AÇÃO DO EDUCADOR SOBRE O BRINCAR INFANTIL

Com a escolha de alguns jogos, brinquedos e brincadeiras, o educador mostra qual o seu desejo, suas convicções, e suas hipóteses acerca da infância e do brincar. O plano de aula seguido do repertório de brinquedos e brincadeiras de um educador é altamente revelador, pois mostra a sua proposta de trabalho e à sua concepção de educação. De acordo com Barbosa e Fortuna (2015, p.19) a “brincadeira livre e de qualidade dentro da sala de aula das instituições de Educação Infantil pressupõe precisamente condições que somente um educador, ciente da importância dessa atividade, pode proporcionar”.

A responsabilidade do professor, na Educação Infantil, exige trabalhos que vão desde atividades que promovam o desenvolvimento integral até atividades relacionadas com os cuidados de saúde, higiene etc. Nesse sentido, um dos papéis do educador, em sua prática pedagógica, passa também por assumir um papel ativo durante as atividades lúdicas ofertadas (BARBOSA; FORTUNA 2015).

Assim como a interação criança-criança na brincadeira é fundamental, também é importante a interação da criança com o educador. A interação irá determinar a qualidade da aprendizagem e também a qualidade da formação mais ampla das crianças. Vários momentos na sala de aula propiciam a interação do educador com as crianças, como por exemplo, saber entrar na brincadeira, conversar com ela, pedir ajuda, aceitar as suas ideias, seu auxílio, resolver os conflitos que surgem, estar presente em todos os momentos, no parque, na fila, na brincadeira, nas atividades de lanche, na roda e nos demais espaço e momentos. “A presença do educador é agregadora e estimulante. Brincando junto, o educador infantil mostra como se brinca, não só porque assim demonstra as regras, mas também porque sugere modos de resolução de problemas e atitudes alternativas em relação aos momentos de tensão” (FORTUNA, 2011 *apud* BARBOSA; FORTUNA 2015, p.10).

Segundo Tânia Fortuna (2000) os educadores precisam ser capazes de brincar. Em um importante trabalho intitulado “Sala de aula é lugar de brincar?”, a autora aponta que o professor precisa resgatar a *sua criança interior*:

Como formar educadores capazes de abrigar o brincar em suas aulas? Reconciliando-o com a criança que existe dentro de si (sugestão de Freud aos educadores, para que viabilizem o educar), não para ser, novamente, criança, mas para compreendê-la e, a partir disto, interagir em uma perspectiva criativa e produtiva com seus alunos. [...]. Não é necessário "ser criança" para usufruir o brincar, pois sua herança - a criatividade - subsiste na vida adulta (Fortuna, 2000, p.153).

Quando o educador infantil brinca junto com as crianças, mostra não só apenas como se brinca ou as regras das brincadeiras mais também pode sugerir modos de resolução de problemas e atitudes em relação aos momentos de tensão que podem surgir durante algumas brincadeiras. O educador pode sugerir brincadeiras, convidar, propor, e ficar sempre atento as condições necessárias para que a brincadeira transcorra em sintonia, com as diversas necessidades de diferentes crianças, em termos de confiança.

A presença do educador não deve envergonhar e muito menos inibir a criança. Sempre andando pelo pátio ou pela sala, acompanhando os desafios de brincar, partilhando a alegria o educador deve mostrar-se sempre disponível:

No entanto, a atuação do educador infantil não deve restringir-se à observação e a oferta de brinquedos: ele intervém no brincar, não para apartar brigas ou para decidir quem fica com o quê, ou quem começa ou quando termina, e sim para estimular a atividade mental, social e psicomotora dos alunos com questionamentos e sugestões de encaminhamentos. Identifica situações potencialmente lúdicas, fomentando-as, de modo a fazer a criança avançar do ponto em que está na sua aprendizagem e no seu desenvolvimento. É como se o adulto oferecesse a criança um “andaime” para apoiá-la nesse processo (Moyles, 2002, p.10).

O educador em nenhum momento da rotina na escola infantil deve estar tão inteiro e tão disposto, no sentido de estar sempre atento às crianças e aos seus próprios conhecimentos e sentimentos, quanto na hora de brincar. O educador deve adequar sua postura e a sua linguagem, para que o canal de comunicação seja estabelecido. Deve sempre promover atividades que criem situações de fala, escuta e compreensão, transformando o diálogo em instrumento de aprendizagem.

Tendo em vista que o jogo é a expressão do desenvolvimento humano. Fortuna (2000) afirma que: “a atividade lúdica assinala, assim, a evolução mental”. Pois, cada faixa etária tem seus determinados jogos. Levando em consideração que o jogo transita livremente entre o real e o imaginário, ainda existe uma resistência quando se fala em brincar para aprender. É preciso superar a dicotomia entre brincar e estudar, tal como aponta a autora supracitada:

Muitos educadores buscam sua identidade na oposição entre brincar e estudar: os educadores de crianças pequenas, recusando-se a admitir sua responsabilidade pedagógica, promovem o brincar; os educadores das demais séries de ensino promovem o estudar. Outros tantos, tentando ultrapassar esta dicotomia, acabam por reforçá-la, pois, com frequência, a relação jogo-aprendizagem invocada privilegia a influência do ensino dirigido sobre o jogo, descaracterizando-o ao sufocá-lo (Fortuna, 2000, p.150).

Muitas escolas deixam de lado algumas práticas pedagógicas, eliminando os brinquedos e os momentos de brincar da rotina escolar. É frequente observar que só se brinca na escola se sobrar tempo ou na hora do recreio, sendo que estes momentos correm, permanentemente, o risco de serem suprimidos, seja por má conduta, seja por não ter feito alguma tarefa ou ainda por não ter dado tempo (Fortuna, 2000).

Não é qualquer jogo ou atividade que contribuem para o desenvolvimento do sujeito. Por isso, é necessário que haja uma preocupação com o contexto daquilo que está sendo ensinado em sala; bem como, é fundamental atentar para uma discussão crucial: a formação lúdica do próprio docente.

A formação do educador é um processo de identidade que o acompanha ao longo de sua trajetória de vida tanto pessoal como profissional. O que implica dizer que sua formação é um processo contínuo, uma vez que a formação acadêmica sozinha não é suficiente para que se atue com excelência.

Os educadores formam-se educadores ao longo de sua vida profissional, escolar, universitária e pessoal, da qual as situações de ensino e, mais especificamente, aquelas referentes ao ensino universitário de saberes relativos à sua prática profissional, compõem apenas uma parte dessa formação (BARBOSA; FORTUNA, 2015, p. 22).

E se tratando de formação lúdica, ela pode ter começado bem antes de uma especialização, ainda em sua infância, uma vez que o lúdico está presente em várias etapas de nossas vidas. A brincadeira é extremamente formativa. Diante disso, afirmamos que o brincar é importante para o desenvolvimento. É essencial que a brincadeira seja vista como algo imprescindível na formação acadêmica, o que ainda tem sido ausente, por ser por muitas vezes vista como algo que não é sério e que não agrega à aprendizagem (BARBOSA; FORTUNA, 2015).

É importante que o educador tenha em mente que o lúdico não é importante apenas para o desenvolvimento da criança, mas para a aprendizagem também. Esse reconhecimento é primordial para o sucesso da prática da ludicidade. Fortuna (2000 *apud* Barbosa; Fortuna 2015) afirma que não é uma tarefa fácil convercer os professores de seu papel ativo durante as brincadeiras com os estudantes e, por vezes, ainda mais difícil, é explicar as peculiares e estreitas relações entre o ato de brincar e o processo de aprender. Em uma pesquisa sobre as concepções de professoras da Educação Infantil sobre brincadeira e aprendizagem, Scheila Neitzel aponta que:

[...] as professoras de Educação Infantil investigadas reservavam à brincadeira um lugar fragmentado na rotina escolar, configurando-se como tempo de recreio infantil ou de uso de brinquedos e jogos no início ou final do período de aula. A maioria das professoras restringiu-se a caracterizar seu papel nos momentos do brincar como sendo o de solucionar possíveis conflitos entre os alunos NEITZEL (2012 *apud* BARBOSA; FORTUNA 2015, p.24).

Essas concepções precisam ser transformadas pela busca da apropriação do brincar, afim de inseri-los na escola de modo correto e eficaz. Um dos caminhos a seguir são estudos sobre o tema, busca de novas estratégias. É um trabalho árduo, porém necessário e no final das contas muito prazeroso que terá resultados extremamente significativos.

Brincar é uma forma de possibilitar aprendizado dos educandos, pois através da brincadeira é possível trabalhar reflexão, autonomia e criatividade. O adulto tem uma responsabilidade muito grande para que isso aconteça. Como diz Corsaro (2011, p.15 *apud* BARBOSA; FORTUNA 2015, p.20) “através da observação cuidadosa das brincadeiras das crianças, os professores podem documentar sua aprendizagem”.

Contudo, o educador não pode ser um mero observador, intervir é necessário, fazendo com que sua presença estimule ainda mais as crianças. Barbosa e Fortuna defende que:

[...] muitas são as aprendizagens resultantes das brincadeiras livres oportunizadas no espaço da sala de aula da Educação Infantil. As interações entre as crianças são riquíssimas, animadas, e, com a participação docente, podem fluir melhor e tornarem-se ainda mais prazerosas e deflagradoras de novas descobertas, para todos. (BARBOSA; FORTUNA 2015, p.20)

Assim, seguindo esta linha de estudo, o professor precisa deixar as crianças livres para brincar e ao mesmo tempo intervir pedagogicamente. É necessário a presença de adultos sensíveis para transformar o ambiente escolar, institucionalizado, em local onde predomine a ludicidade e atividades lúdicas (BARBOSA; FORTUNA, 2015).

É preciso que o adulto esteja atento para mediar a brincadeira e reconhecer o momento mais conveniente para fazer intervenções que possam ser contributivas (BARBOSA; FORTUNA, 2015). Portanto, é preciso haver planejamento para que a brincadeira proporcione o desenvolvimento e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados da pesquisa bibliográfica concluiu-se que os jogos e brincadeiras na educação infantil devem estar na prática dos educadores, pois contribuem para o desenvolvimento e ressaltam as habilidades das crianças, fazendo com que facilite a aprendizagem, contribuindo no desenvolvimento físico, motor, afetivo, de raciocínio e de convivência em grupo. Recorre-se aos termos utilizado por Fortuna (2000), quando a mesma afirma que brincar e aprender ensinam ao professor, por meio de sua ação, observação e reflexão, incessantemente renovadas, como e o quê o aluno conhece. E é disso que o professor deve se servi para planejar sua aula. No espaço compartilhado de confiança, o professor é autorizado pelo aluno a saber algo a seu respeito, pois quem joga, joga para alguém. O brincar permite o desenvolvimento das significações da aprendizagem e quando o professor o instrumentaliza, intervém no aprender.

Nota-se que ainda é preciso valorizar uma *formação lúdica* com qualidade para que haja uma dinâmica dentro da sala de aula satisfatória, para que o brincadeira não seja um brincar por brincar e sim, por objetivos de conhecimento e desenvolvimento. Nesse sentido, o professor é o adulto que fará a mediação pedagogicamente adequada e personalizada de acordo com a turma e os estudantes.

Esperamos que este artigo possa servir de fundamentação para que educadores inovem sua prática, e tenham nos jogos e nas brincadeiras aliados, possibilitando as habilidades das crianças de forma mais prazerosa e participativa, contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Claudia; FORTUNA, Tânia Ramos. O brincar livre na sala de aula de Educação Infantil: concepções de alunas formandas da Licenciatura em Pedagogia. **Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação** Vitória da Conquista Ano IX n.15, p.13-40 2015.

FORTUNA, Tânia. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M. e DALLA ZEN, M. I. H. (org.) **Planejamento em destaque**: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos de Educação Básica, 6) p. 147-164.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e Formação do educador. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2014.

MOYLES, J. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VYGOSTKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 4ª ed. Editora: Martins Fontes. São Paulo – SP, 1991.